

A RELAÇÃO INTERGERACIONAL E A ARTE DO CUIDAR: RELATOS DE AVÓS NA CIDADE DE SALVADOR-BA

Elaine Cristina Cartaxo Villas Bôas¹
Mariza Carla Monteiro²

RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar o envolvimento dos avós paternos e maternos nos cuidados e educação de netos além de conhecer e compreender as concepções sobre avós e netos; identificar as concepções sobre os papéis que os membros familiares devem assumir na perspectiva dos avós; verificar quais são as responsabilidades assumidas pelos avós nos cuidados e educação dos netos em idade escolar; elencar as possíveis diferenças nesses cuidados por tipologia de avós: esporádica, sistemática, integral. O método utilizado foi estudo qualitativo descritivo realizado na cidade de Salvador – Ba com base num questionário semiestruturado. Foram incluídos avós que tivessem neto/a residindo em bairro de classe média de qualquer cidade do Estado da Bahia, com idade entre seis e 11 anos e estar cursando o Ensino Fundamental I; pais do/a referido/a neto/a com nível superior de escolaridade; os quatro avós deste/a neto/a estarem vivos; e que concordarem em participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi possível constatar a presença de uma família com avós sistemáticos que vivenciam diariamente o cuidado com o neto além de uma ampla rede de apoio representada por outros membros da família. Na outra família, os avós foram categorizados como esporádicos. Eles desejavam auxiliar mais no cuidado da neta e não podia devido a condição financeira. Portanto, se faz necessário o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a temática, para poder obter mais subsídios nos discursos dos participantes quanto à correlação entre avós sistemáticos e esporádicos, porém com diferença de gêneros para os netos foco do estudo.

Palavras-chave: Relação Familiar. Avós. Intergeracionalidade.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o conceito de família tem ganhado amplitude de sentidos, significados e relevância à essência humana e sua integridade como pessoa. Donati (2008) afirma que família é um capital social responsável por gerar bens relacionais com destaque para a confiança, reciprocidade, amor e proteção enquanto Petrini (2015) destaca que o seu maior valor está pautado na natureza das relações, e do bem-estar individual. Desta forma, para compreender a família é fundamental entender estas relações.

As relações familiares estão circunscritas na dinâmica familiar regida por um sistema relacional, sociocultural aberto e em transformação. Refere-se a uma associação entre o

¹ Mestre em Família na Sociedade Contemporânea, UCSAL, elaine.boas@pro.ucsal.br.

² Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea, UCSAL, mariza.sousa@ucsal.br.

sistema relacional e o emocional. Para Bowen apud Wendt e Crepaldi, 2006 a força motivadora do sistema é o emocional, enquanto o relacional corresponde à forma como o indivíduo se expressa, através da interação, comunicação e outras modalidades de relação.

O processo relacional se dar continuamente entre as diferentes gerações ao longo do ciclo vital, e no qual CERVENY e BERTHOUD (2011) consideram que seja composto por um conjunto de etapas ou fases definidas a partir da idade dos pais, dos filhos, do tempo de união de um casal, a serem consideradas desde o início da formação da família nuclear, até a morte dos indivíduos que as iniciaram. Mas ao se tratar da capacidade de perpetuação da vida através das gerações, o ciclo vital torna-se um elemento essencial para a compreensão estruturante da família, e demarca os momentos de transição na chegada de um novo membro no sistema familiar, assim como o de saída dos seus integrantes, seja por meio do processo natural e biológico como a morte, e/ou da morte subjetiva dada pela separação conjugal.

É importante destacar que as relações familiares são intermediadas por três eixos: o intergeracional, o multidimensional e o pluricontextual. O multidimensional engloba os diferentes papéis e funções enquanto no pluricontextual a família se movimenta pressionada pelos valores ou ideais dos diversos contextos como o histórico, o cultural e o socioeconômico. O intergeracional, por sua vez, se refere à família de origem, composta por todos os membros que fazem parte da rede de apoio parental das pessoas, envolvendo a família extensa do casal (materna e paterna) (GALONO, 2012).

A relação intergeracional entre avós e netos é regida pela arte da interação e do cuidar. Refere-se a uma arte, pois é esculpida de modo particular por cada membro do sistema relacional, e se estabelece na dinâmica familiar e interpessoal estabelecida na díade: Eu e Tu (entre pais e filhos, avós e netos), que se retroalimentam num processo natural e contínuo através das gerações ascendentes e descendentes. Neste sentido, o ato de cuidar compreende uma diversidade de sentimentos como proteção, expectativa, amor, compaixão entre outros (CARVALHO, e colaboradores, 2012).

Para tanto, o objetivo geral do estudo é investigar o envolvimento dos avós paternos e maternos nos cuidados e educação de netos comuns a ambos, e os específicos são conhecer e compreender as concepções sobre avós e netos; identificar as concepções sobre os papéis que os membros familiares devem assumir na perspectiva dos avós; verificar quais são as responsabilidades assumidas pelos avós nos cuidados e educação dos netos em idade escolar; elencar as possíveis diferenças nesses cuidados por tipologia de avós: esporádica, sistemática, integral (RABINOVICH, 2015, p.92).

2 DESENVOLVIMENTO E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Método

A presente pesquisa trata-se de um estudo qualitativo descritivo, de casos múltiplos, realizado na cidade de Salvador - BA. Faz parte de um projeto maior intitulado envolvimento de avós maternos e paternos nos cuidados e educação de netos em idade escolar tendo como pesquisadoras responsáveis Elaine Pedreira Rabinovich e Lúcia Vaz de Campos Moreira.

Os informantes-chave foram avós maternos e paternos selecionados com base na rede dos entrevistadores. Foram adotados como critérios de inclusão ter neto/a que resida em bairro de classe média de qualquer cidade do Estado da Bahia, com idade entre seis e 11 anos e estar cursando o Ensino Fundamental I; pai e mãe do/a referido/a neto/a com nível superior de escolaridade; os quatro avós deste/a neto/a estarem vivos; e que concordarem em participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário semiestruturado, elaborado pelas pesquisadoras responsáveis pelo projeto maior, com base num roteiro de entrevista. Este roteiro está pautado em dados sobre o avô/ó entrevistado/a; sobre o/a neto/a focalizado/a no estudo e seus pais; família e avós: concepções e práticas; papéis dos membros familiares; rotina da família, cuidado/educação dos netos e divisão de tarefas domésticas.

As entrevistas aconteceram no domicílio dos entrevistados, em ambiente calmo e tranquilo. Foram gravadas em um tablet modelo GT-P7510, marca Samsung CE0168 e posteriormente transcritas na íntegra para posterior análise do conteúdo por vislumbrar a interpretação de mensagens obscuras veladas no discurso (MINAYO, 2008). A coleta de dados aconteceu entre os meses de outubro e novembro de 2016 nos turnos matutino, vespertino e noturno de acordo com a disponibilidade dos avós.

Os informantes-chave assinaram o TCLE de acordo com a Resolução nº 466 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos sendo garantido o anonimato e confidencialidade dos dados. O projeto foi aprovado pelo CEP/UCSAL sob o número 1762765.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados avós maternos e paternos de duas famílias. Em uma delas, os quatro avós residiam no mesmo prédio, incluindo o neto foco do estudo, em um bairro localizado na cidade alta em Salvador enquanto os outros avós residiam na mesma rua em um

bairro da cidade baixa em Salvador e o neto em um bairro próximo. Com base na localização geográfica as famílias foram tipificadas como família vertical e horizontal respectivamente.

A idade dos avós variou de 59 a 66 anos sendo todos casados. Em relação à escolaridade, na família vertical todos tinham nível superior completo enquanto na família horizontal esta variável oscilou entre ensino fundamental incompleto e ensino médio completo. A religião predominante foi evangélica havendo diferença apenas para o avô paterno da família horizontal que era católico não praticante. Outro dado de destaque foi o fato de alguns dos informantes serem aposentados e continuarem exercendo atividade remunerada para complementação da renda. Dos oito avós entrevistados, três encontravam-se nesta situação. Destes, a carga horária de trabalho variou de quatro a doze horas com frequência semanal.

Quanto ao neto, foco do estudo, o da família vertical é do sexo masculino, tem nove anos e reside com os pais e irmão enquanto o da família horizontal é do sexo feminino, tem 11 anos e reside com os pais. Os pais do filho de nove anos têm nível superior completo sendo o pai psicólogo clínico e professor de Pós-Graduação e a mãe é design de interiores. Por ser autônoma, tem horários mais flexíveis do que o pai que trabalha diariamente além de dar aula, esporadicamente, aos sábados. Em contrapartida, o pai da neta da família horizontal é tenente da Polícia Militar sendo considerado como nível superior dentro desta academia enquanto a mãe tem nível superior incompleto. Ele trabalha por escala que varia de 24/32hrs enquanto a esposa é gerente em uma loja de um shopping na cidade do Salvador - Ba e trabalha de domingo a domingo, oito horas/dia. Todos são evangélicos, exceto o pai desta última família que é católico, porém, não praticante.

No que diz respeito à renda, a família vertical apresenta uma boa condição financeira. Dois dos informantes referiram receber de 15-20 SM (1SM=R\$ 880,00) enquanto os demais informaram não saber. Apenas a avó paterna explicitou que o filho tinha renda superior à dos pais e mesmo assim eram os avós paternos que contribuía financeiramente com as despesas do neto (plano de saúde). Já os avós da família horizontal mostraram - se constrangidos para informar a renda. O avô materno informou que depois da aposentadoria a renda diminuiu muito e que ele precisa complementá-la, pois é o mantenedor da casa. Também informaram não saber a renda dos pais da neta, pois, era uma particularidade deles. Em termos de contribuição financeira, os avós paternos desta família são responsáveis pelo transporte da neta para ir ao colégio da polícia militar.

Na residência dos avós maternos da família horizontal reside o casal e duas filhas enquanto na paterna apenas o casal. Os avós maternos têm cinco filhas mulheres e duas netas,

uma de quatro anos e a outra com 11 anos. Os paternos têm três filhos (dois meninos e uma menina). Destes, um casal é fruto do primeiro relacionamento da avó paterna e o filho dela com o avô paterno ainda não é casado. Desta forma, salienta-se que este avô tem assumido o papel dele na íntegra em relação à “neta do coração”. Na casa dos avós maternos, da família vertical, reside apenas o casal e eles têm duas filhas. Na casa da família paterna, reside o casal de avós e nos finais de semana há presença de um filho e nora. No total, a paterna tem dois filhos homens e dois netos do sexo masculino, um de quatro anos e o outro de nove anos. Estes netos são comuns aos avós participantes do estudo nesta família.

Quando questionados sobre o que é família, a horizontal apresenta a mesma concepção de que família é a base, estrutura de tudo. Representa união e convivência em concordância com a família vertical. No quesito quem faz parte da sua família, as noras e genros foram incluídos além dos filhos, netos, marido, mulher, cunhados. Apenas a avó materna da família vertical agregou a mãe (*in memorian*). Sobre as concepções de avô e avó, observou-se que a família horizontal foi enfática ao afirmar que avó é como o segundo pai e a avó é ser mãe duas vezes. Já a família vertical traz a ideia de gratificação e aproximação entre as pessoas da família. Ressaltam que as crianças contribuem muito para manter a família unida. Chama também a atenção o fato da renovação da vida emocional e resgate no sentido de poder fazer com os netos o que não pode fazer com os filhos por causa do trabalho.

No que tange as concepções sobre deveres dos avós/avós, a avó materna, da família vertical, traz o saudosismo quando afirma que precisou da mãe para ficar com suas duas filhas e afirma que a vida contemporânea é diferente e que é dever da avó ajudar os pais no apoio a criança, enquanto o avô paterno desta família afirma que o dever é contribuir para manter os valores, princípios, participar, colaborar, estar disponível. Quando os avós foram questionados sobre os deveres do avô ficou explícito para a avó materna que eles contribuem muito mais com participação e que não vê como obrigações e deveres enquanto o avô paterno enfatiza que é dever continuar a dar suporte ao filho que se estende ao neto. A família horizontal por sua vez expõe como dever o cuidar, amar, educar, ajudar a criar mostrando uma linha de pensamento uniforme entre os avós.

Quanto aos direitos da avó, a avó paterna da família horizontal aponta o papel de mãe, direito de agir quando neto estiver errado, aconselhar, ajudar em concordância com a avó paterna da vertical que afirma que o direito é ter acesso ao neto e orientar o filho do que não está certo, mas sem interferir. Para os avós da família vertical, o direito de ambos é a mesma coisa, ou seja, ajudar a olhar, dar aconselhamento. Relativo às concepções sobre o que faz o avô materno e paterno e a avó respectivamente. Para família horizontal sobressai o cuidar,

educar, proteger e fazer carinho e na vertical não tem diferença entre os avós como explicitado no discurso da avó materna: *“no geral vejo uma participação mais igualitária, nas relações na sociedade como um todo”*.

Ao serem questionados sobre o que é ser neto, a avó materna da família vertical informou ser órfã de avó, não tendo tal referência, porém, a relação do marido é muito forte com a avó dele. Já o depoimento da avó paterna condiz com o da outra avó: *“não tive referência de avós, a materna morreu eu era criança”*. A minha avó paterna era muito rude, me disse que eu tirei o filho dela (estranhamento). Para o avô paterno, ser neto significa *“ser um espelho da educação que você deu ao filho. É o espelho do seu espelho, você se ver no filho e ver o espelho do filho no neto”*. Para os avós da família horizontal prevaleceu que é o mesmo que ser filho, com destaque para o discurso do avô paterno que é bem religioso: *“quem não gosta de neto, não gosta de Deus”*.

Partindo para o significado do neto para os avós o destaque é para o conteúdo da avó paterna da família vertical: *“transcendência, acho muito parecido com o pai, que é parecido comigo. Me dei conta de cuidar de mim. Mudou minha relação com meu filho, éramos muito próximos, demorou muito para aceitar a saída dele de casa: “o ninho vazio. Sobre a participação dos avós, a família horizontal mostrou-se ressentida por não poder participar de forma tão ativa em função da distância, pois, a neta só os visitava uma vez por mês, porém, quando acontecia o encontro os avós procuravam se fazer presentes: “converso muito, dou muito conselho”, diz a avó materna. Esta avó fazia comparativo com a neta mais nova- “gostaria que fosse como o contato de Sofia”. Ainda referiu, com ar de preocupação, “minha neta às vezes fica só”. Já a família vertical é extremamente participativa, em virtude da proximidade das residências.*

Conviver com o neto é algo prazeroso, favorecido pela aproximação e liberdade segundo a avó materna da família vertical, que ainda acrescenta o fato do neto ficar muito tempo na casa dela e poder fazer muitas coisas juntos. Enquanto o avô destacou o fato dos avós terem limites com o neto. A família horizontal, por sua vez, informou que o que facilitaria a convivência era se a neta morasse mais perto, mas mesmo com a distância, o avô paterno - “avô do coração” expôs que a neta era obediente a eles. Em contrapartida, o que dificulta a convivência com a neta continua sendo à distância, mas para a família vertical não havia empecilhos, a não ser o gênio do neto segundo relato do avô paterno.

Todo avô tem expectativas para o futuro do neto (a). Para a família horizontal foi unânime o fato de que a neta tenha uma formação superior, assim como para a família vertical que deseja que o neto seja feliz e um bom profissional. Sobre a diferença de relacionamento

entre netos e netas, este dado não se aplica para nenhuma das famílias do estudo em questão, pois, na família horizontal só há netas mulheres e na vertical só netos homens. O mesmo resultado foi observado sobre a diferença de relacionamento que os avós estabelecem com netos que são filhos do filho e com os netos que são filhos da filha.

Em relação aos papéis dos membros familiares, a família paterna horizontal referiu que a maior parte das atividades são exercidas pelos pais, e a eles cabia apenas o transporte da neta no item contribuir financeiramente e que na ausência dos pais, os avós estariam disponíveis para assumir este papel. No entanto, os avós maternos se colocaram na posição de resolverem disputas, proteger a família, cuidar e fornecer apoio a crianças/netos assim como transmitir tradições e religiões às crianças/netos em conjunto com os pais e outros avós. Vale ressaltar que os cuidadores principais da neta, nesta família, são os pais e que às vezes ela fica sozinha em casa aguardando os genitores chegarem do trabalho.

Quanto aos cuidados dispensados ao neto (a) foco do estudo, para a família horizontal os cuidados com a neta recaem mais sobre os pais na opinião dos avós maternos e avô paterno, para a avó paterna a maior responsabilidade é da mãe da criança. Já os cuidados dispensados com os afazeres domésticos, os quatro avós da família horizontal apontaram a mãe como mais atuante. A família horizontal, mesmo sem ter muito contato com a neta, por causa da distância, se coloca como pessoas que ajudam no cuidado. Foi acrescentada, pelos avós paternos, a presença de um tio, que cobra da sobrinha seu desempenho na escola.

4 A LONGEVIDADE E AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

A convivência intergeracional é marcada por diferenças que vão muito além da cronológica, como também de ponto de vista subjetivo na concepção de crenças, valores, sentimentos, liberdade, autonomia, habilidades, que podem causar estranhezas na forma de viver, relacionar-se e encarar a vida entre as diferentes gerações, e assim, instaurar estranhezas e conflitos. Moreira (2002) destaca que embora as relações entre as diferentes gerações sejam marcadas por conflitos, elas são dotadas de solidariedade também. A arte do cuidar intergeracional favorece a troca de experiência, a transmissão da cultural familiar interna e externa de como as pessoas devem se comportar nos ambientes, e o ensinamento de hábitos e costumes.

Os aspectos de transmissão cultural, valores e hábitos, evidenciam-se neste estudo, quando as famílias falam dos locais que levam os netos para passear e das brincadeiras entre as gerações, conforme pode ser observado nos seguintes trechos:

“Levo para passear em shopping, parque, zoológico”. Fazemos brincadeira com sucatas, jogos recreativos/educativos”. (Avó materna V)

“Itacimirim (casa de praia), para praia, praça, levo para Av. Magalhães Netos aos domingos, aí vai a família toda, inclusive os outros avós e os pais”. “Brincamos de carrinho, agarramento, esconde e esconde, jogos educativos; ele adora o jogo PERFIL, lá em Itacimirim a família todo mundo brinca com desse jogo a noite” (Avó paterna V)

Essas respostas trazem indícios da cultura familiar de visitar parentes, frequentar locais públicos e das relações intergeracionais envolvendo as três gerações. Já para família horizontal, os avós não têm oportunidade de passear com a neta devido à distância. Desta forma, se ratifica a compreensão da especificidade de cada núcleo familiar, assim como, a forma de se relacionar entre as gerações. A participação dos avós na vida da criança pode estar associada à natureza dos vínculos estabelecidos com a família de origem. Embora os vínculos afetivos sejam criados a partir das relações primárias com a percepção de cuidados e afetos que cada um vivencia, podem acontecer disfunções nessas relações.

Assim, determinados membros sentem-se excluídos e não pertencentes ao sistema familiar no qual se constituiu enquanto identidade relacional. Mantendo-se o afastamento psíquico e/ou relacional, que tanto pode se dar de forma consciente ou inconsciente, e levá-lo ao desligamento emocional e dos padrões relacionais identificados em sua família de origem. Isso possivelmente pode explicar as dificuldades atribuídas ao distanciamento da neta, elencadas de forma unânime pelos os avós da família horizontal, correspondente ao Quadro 23, sobre o que dificulta a convivência com o(a) neto(a).

Talvez essa seja uma condição associada às fronteiras existentes entre os subsistemas nesta família, neste caso, evidencia-se a caracterização da fronteira tipo rígida. Aquela que restringe a comunicação entre os subsistemas, e torna os contatos empobrecidos, distantes, difíceis. (COELHO, 2007)

Estudos revelam que a longevidade e a qualidade de vida são fatores que possibilitam maior interação entre as gerações familiares e nas relações intergeracionais da família contemporânea. Graças ao aumento da expectativa de vida, torna-se cada vez mais comum, encontrar no seio das famílias brasileiras a convivência de até quatro gerações, onde os avós tornam-se ponte de interação entre as gerações e, responsáveis na dinâmica do cuidado das crianças e idosos. Tem-se, portanto, uma maior.

...quantidade excepcional de pessoas vivenciando os papéis de avós e bisavós na atualidade, se levamos em conta que até meados do século XIX poucas pessoas ultrapassavam 60 anos... (ARATANGY & POSTERNCK, 2005 apud DIAS, 2015, p 465).

Assim, evidencia-se nas famílias envolvidas neste estudo, a confirmação desse dado, pois os avós encontram-se na faixa etária dos 60 anos, bem como, apareceu na família vertical o dado que a criança foco do estudo convive esporadicamente com três bisavós, cuja idade varia de 90 a 100 anos. Conforme Dias (2013, p. 269): “necessitamos estimular a solidariedade intergeracional favorecendo as trocas de conhecimento e experiências entre as gerações, membros de uma mesma família ou não”.

A solidariedade intergeracional se apresenta em diversos contextos, independente da classe social. Embora as mudanças sociais, econômicas, o contexto sócio demográfico e as relações de trabalho venham influenciar na estrutura e funcionamento das dinâmicas familiares, a convivência intergeracional entre avós e netos, tem se tornado sensível ao movimento de aproximação e/ou distanciando no processo do cuidar intergeracional. Neste caso específico, há evidências que essas relações se tornam diferenciadas entre as duas famílias do estudo.

Foi observado que a distância geográfica vivenciada pela família horizontal representa o fator de distanciamento da neta enquanto na família vertical o fato de morarem no mesmo prédio os beneficia. Vale ressaltar que a utilização de recursos tecnológicos tem auxiliado na comunicação, e na família vertical ela se faz presente na interação, articulação e participação dos avós, pais e tios na dinâmica do cuidar, e nas atividades como levar e/ou pegar a criança à escola, futebol, inglês e outras. Isto está evidenciado na narrativa do avô da família vertical:

“Ele me liga e fala: Vôvi, (ele chama agente assim, vôvi e vóvis) vai ter um futebol hoje, você pode me pegar? Se eu posso digo: posso!. Agora mesmo ele me ligou para ir buscá-lo” Ou quando os pais precisam que alguém vá buscar ou levar para algum lugar, aí coloca no grupo “Família JAM” do Whatsapp, e aí se ver quem pode, os avós ou os tios, todo mundo participa. Quando posso eu vou. (Avô paterno V).

Em relação à concepção de família, de ser neto, ser avô e avó esta é subjetiva e perpassa pela ordem dos sentidos simbióticos de forma particular para cada pessoa entrevistada, bem como, da natureza dos vínculos e da sua relação com a família de origem. Sobre o que significa família, alguns discursos merecem destaque como:

“Família é convivência, poder estar junto e feliz”. (Avó materna H)

“Relação muito forte, de referência e parâmetro para vida da pessoa, vem de uma estrutura bem consolidada”. (Avó materna V)

“Instituição criada por Deus. Todo ser humano tem que ter família - vir os descendentes”. (Avô paterno H)

A partir do pressuposto de família como um bem relacional Donati (2008, p 191) afirma que:

“...pode ser gerada e fruída somente em conjunto por parte daqueles que a formam; ela fundamenta-se em relações, não em bens individuais, nem é uma soma deste”.

De acordo com discurso dos entrevistados, a concepção de família é ampliada pois agrega outros membros além do casal e filhos, compondo a teia de outras relações que são agregadas à família de origem como nos discursos a seguir:

“Netos, noras, irmãos, cunhados fazem parte da minha família”. (Avó paterna H)

“Além dos filhos, noras, netos, tenho uma família a parte que eu chamo da família de Deus, que são os amigos da igreja, e tem a família “JAM” que é a junção da nossa família com a da minha nora (mãe do neto). Temos um grupo no WhatsApp e a gente se comunica. Viajamos agora, foi todo mundo para Disney. Eu, meu marido, meus filhos com as noras e mais os outros avós com seus genros, total de 10 pessoas”. (Avó paterna V).

Entretanto, para compreender a família contemporânea, faz-se necessário revisitar conceitos, modelos, padrões relacionais, natureza dos vínculos, conjugalidade e pertencimento, pois até mesmo a legislação tem promovido mudanças no ordenamento jurídico para atender aos anseios da sociedade. A Lei 11.924/09 dispõe sobre o direito aos enteados de averbar o nome de família de seu padrasto ou madrasta ao seu, através de ação judicial, mediante concordância expressa entre as partes.

O novo diferencial que identifica os vínculos interpessoais e parentais mais pela identificação do afeto do que pela verdade registral ou biológica, fez surgir um novo conceito tanto de conjugalidade como de filiação. [...] não é mais a identidade genética que marca a relação de parentesco. [...] Assim, cada vez mais surge a busca pelo reconhecimento do vínculo da afetividade. *Outro não foi o motivo que levou o legislador a admitir ao enteado agregar o nome do padrasto ou da madrasta ainda que tal não se reflita na relação de filiação.* (DIAS, 2010, p. 128)

O vínculo de afetividade pode ser percebido pelo conteúdo no discurso do avô paterno da família horizontal: “*Neto é tudo. Gosto demais, é mesmo que ser filho*”. A neta foco do estudo não é sua neta biológica, mas ele desempenha o papel de avô na essência, e dentro do que lhe for possível no que diz respeito à questão financeira.

No mundo contemporâneo é cada vez mais comum a presença de avós exercendo o cuidado dos netos. Isto é decorrente das extensas cargas de trabalho dos pais para manter o nível socioeconômico. Para Oliveira (2002), a interação entre avós e netos tende a se modificar reciprocamente. Tal fato pode ser observado no relato de um dos avós:

“É uma forma de presente, a gente tem muito mais momentos agradáveis do que com o filho. Existe as preocupações de limitações, porque com os filhos é diferente, com os netos é mais à vontade. Quem deve fazer os limites são os pais, os avós precisam aprender a respeitar esses limites. É uma relação mais amorosa, as crianças são presentes na vida da gente”. (Avô materno V).

Esse conteúdo mobilizou o avô materno, e o momento foi tomado de profunda emoção. Coincidentemente tanto o avô materno quanto a avó paterna da família vertical, demonstraram momento de maior sensibilidade e emoção ao longo das entrevistas.

5 FAMÍLIA: SISTEMA RELACIONAL EM MOVIMENTO NO CURSO DE VIDA E AO LONGO DO CICLO VITAL

O ciclo vital da família a partir da perspectiva transgeracional, torna-se um importante articulador das relações familiares entre as gerações, que se processa concomitantemente ao desenvolvimento humano: nascer, crescer e morrer, e obedece a uma ordem cronológica definida por etapas denominada como estágio na concepção de Carter e McGoldrick (1995/1989), frente ao movimento de entrada, saída e desenvolvimento dos membros familiares. Para Cerveny e Berthoud (2010) estas etapas são vividas em fases classificadas em: de aquisição, adolescente, madura e última.

No estudo atual, destaca-se a fase madura representada pela saída do filho para constituir família e a última fase que corresponde ao cuidado com os idosos. Na primeira inclui:

A escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho (que transforma o jovem casal em família) e a vida com os filhos pequenos” (CERVENY; BERTHOUD, 2010, p. 47).

O discurso a seguir descreve o momento da chegada do primeiro neto na família, e traz à tona o movimento de saída do filho de casa de forma mobilizadora, marcada por mudanças na relação pessoal e no relacionamento com o filho:

“Transcendência, acho muito parecido com o pai, que é parecido comigo. Me dei conta de cuidar de mim. Mudou minha relação com meu filho, éramos muito próximos, demorou muito para aceitar a saída dele de casa, e até hoje ainda sinto: “o ninho vazio” (Avó paterna V).

Deixar o filho viver as próprias experiências longe da tutela e olhar vigilante dos pais, embora lhes pareça inicialmente perturbador, torna-se importante e estruturante no processo de individuação dos filhos e na diferenciação de self. Isso possibilita a diferenciação intrapsíquica e interpessoal, que segundo (COELHO, 2007) está estritamente relacionada à família de origem e da atual.

E na fase madura as mudanças são caracterizadas com:

A saída do primeiro filho de casa, inclusão da terceira geração e parentes por afinidade, cuidados com a geração mais velha e consequentes mudanças nos relacionamentos. (CERVENY; BERTHOUD, 2010, p. 101-102).

O trecho a seguir revela a importância da inclusão de novos membros, e da ampliação da família nuclear para família extensa:

“Além dos filhos, noras, netos, tenho uma família a parte que eu chamo da família de Deus, que são os meus amigos da igreja, e tem a família “JAM” a formada por nós aqui em casa, e a família da minha nora (mãe do neto). A gente faz muita coisa juntos, fomos todos para Disney agora, foi ótima”. (Avó paterna V)

A concepção de família é subjetiva, pois envolve uma complexidade de sentidos simbióticos e das experiências de vida particular a cada indivíduo.

É uma relação simbólica e estrutural que liga as pessoas entre si num projeto de vida, que entrelaça uma dimensão horizontal (o casal) e uma dimensão vertical (a descendência e a ascendência). (PETRINI; DIAS, 2015, p.20).

Destaca-se, portanto nesta narrativa esse entrelaçamento relacional:

“Essa viagem para Disney foi muito importante, pois aproximou muito o avô (paterno) do neto, teve a oportunidade de fazer uma vinculação muito forte com ele. Tudo era com esse avô, apesar do outro avô (materno) também estar presente, e é com quem eles acabam convivendo mais; ele (o neto) ficou o tempo todo com o avô (paterno), de mãos dadas nos parques, nos restaurantes sentava ao lado dele e para todos lugares para onde a gente aí, fazia questão de vir no carro conosco”. (Avó paterna V)

Os vínculos familiares são estruturantes fundamentais na constituição psíquica dos indivíduos, por isso eles devem ser desenvolvidos em ambientes saudáveis, onde haja cooperação e segurança que favoreça a rede de cuidados e atenção à criança. Para que isso aconteça, os papéis desempenhados pelos cuidadores, independe de gênero e da posição ocupada entre as diferentes gerações na família, e do contexto socioeconômico na qual ela esteja inserida, pois os tornam relevantes na dinâmica do cuidar.

Vivenciar momentos de lazer, brincadeiras e o hábito de ler e contar história fortalece os vínculos e a vinculação entre os diferentes membros do sistema familiar além de estimular a criatividade, a imaginação e as construções simbólicas e representações de mundo. Estas atividades são agentes potencializadores da aprendizagem, à medida que propiciam e aproximam a afetividade nas relações parentais. Importante destacar que no Quadro 22 aparecem diversos atores na execução das atividades voltadas aos cuidados do(a) neto(a), principalmente na condução de ler e contar histórias nas famílias envolvidas desse estudo. Têm-se neste quesito, a participação de: mãe, pai, avós, tios e outros. Em destaque o trecho que descreve a participação do avô materno da família vertical.

“Eu leio e invento histórias e meu neto adora, prefere e pede para contar inclusive as que invento”. (Avô materno V)

A revisão de literatura evidencia mudanças nas famílias, na participação de pais e avós nas brincadeiras e jogos infantis, nos conteúdos, estereótipos e perfis dos personagens das histórias infantis e na representação de velhice e outras. Ramos (2015) destaca que a representação social de velhice, acompanhada da morte está atribuída a caracterização da fase final do ciclo vital. Azevedo e Rabinovich (2012) relatam que os avós são identificados como representantes e transmissores da cultura e tradição, bem como, contribuem no desenvolvimento intelectual e na formação da identidade dos netos na contemporaneidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer e compreender as distintas realidades das famílias do estudo mostrou-se como uma vivência enriquecedora para as pesquisadoras. Foi possível constatar a presença de uma família residente na cidade alta em Salvador com avós sistemáticos que vivenciam diariamente o cuidado com o neto além de uma rede de apoio ampla representada por outros membros da família.

Em contraste, a outra família participante, moradora da cidade baixa na mesma cidade, em que os avós foram categorizados como esporádicos, foi percebido um semblante de tristeza nos avós maternos, por desejarem, auxiliar mais no cuidado da neta e não poderem devido a sua condição financeira, que apesar de não ter sido revelada, foi observada pela estrutura da casa e do bairro onde residem. Outro detalhe importante são as visitas esporádicas da referida neta que só acontecem mensalmente em função do horário de trabalho dos pais, como também pela distância entre os bairros.

O dado sobre a relação intergeracional envolvendo até quatro gerações numa mesma família aparece informalmente após a conclusão da entrevista na casa dos avós paternos da família da cidade alta. A avó paterna relata um dado momento de interação entre o bisneto e o bisavô materno, ocorrido na casa da família materna, onde o bisavô costuma passar os fins de semana sob o cuidado da filha (avó do neto). Muito embora a existência dos bisavós maternos não tenham aparecido nas narrativas ao longo das entrevistas com os avós maternos, esse dado tornou-se relevante, pois ratifica a concepção dos avós intermediando as relações e interfaces entre as gerações, como uma ponte intergeracional na arte do cuidar das crianças e idosos no seio da família contemporânea.

Portanto, com base no conteúdo exposto se faz necessário o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a temática, no sentido de obter mais subsídios nos discursos dos participantes no que tange a correlação entre avós sistemáticos e esporádicos, porém com diferença de

gêneros para os netos foco do estudo. Desta forma, poderão surgir novos olhares sobre as relações entre avós e netos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, T., RABINOVICH, E. P. Retratos da Avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha. **Psicologia USP**, São Paulo, 23 (1), p. 211-231, 2012.

BRASIL, Lei 11.924/2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11924.htm. Acessado em: 30 nov. 2016.

CARVALHO, A.M.A.; COSTA L.A.F.; SILVA FRANCO, A.L.; OIWA, N.N. Rede de cuidadores envolvidos no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In: CASTRO, M.G; CARVALHO, A.M.A.; MOREIRA, L.V.C. **Dinâmica familiar do cuidado**: afetos, imaginários e envolvimento dos pais na atenção dos filhos. Salvador: EDUFBA, 2012.p 63-110.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre, Artmed Editora, 2007.

CERVENY, C.M.O; BERTHOUD. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

CERVENY, C.M.O; BERTHOUD. **Família e Ciclo Vital, nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

COELHO, S. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais**. Volume I -Fundamentos teóricos e epistemológicos. 3. ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosas, 2012.

DIAS, C.M.S.B. Velhice: vulnerabilidades e possibilidades. In: MOREIRA, L.V.C. (Org.). **Psicologia, família e direito**: interfaces e conexões. Curitiba: Juruá, 2013. p. 259-271.

DIAS, C.M.S.B. A Literatura Brasileira sobre avós na atualidade: as diversas facetas do cuidar. In: BASTOS, et.al. **Família no Brasil- Recurso para a pessoa e sociedade**. Juruá Editora, 2015. p. 465-482.

DIAS, M. B. **Manual de direito das famílias**. 5. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

DONATI, P. **Família no século XXI**: abordagem relacional. Tradução de João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008.

GALANO, M. Família e tempo. In: CERVENY, C.M.O. (Org). **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

GRANDESSO. M. A.; **Sobre a reconstrução do significado**: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

MOREIRA, L.V.C. Gravidez na adolescência: análise das significações construída ao longo de geração de mulheres. **Pulsional**, v. 15, n. 158, 49-56, 2002.

MINAYO, M. C. de S. Técnicas de Pesquisa In:_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. edição. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 261-297.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas Compartilhadas: Cultura e Co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Hucitec/ FAPESP, 1999.

PETRINI, J.C; DIAS, M. C. **Família no debate cultural e político contemporâneo**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2015.

RABINOVICH, E. P; MOREIRA, L. V.; FRANCO, A. Papeis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 1, 2012. p. 139-147.

RABINOVICH, E. P; MOREIRA, L. V.; FRANCO, A. VII Congresso Internacional A Vez e a Voz das Mulheres Migrantes em Portugal e na Diáspora Universidade do Porto (UP) – Faculdade de Economia (FEP) Porto, 11-13 de junho 2015. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4392/1/VII%20Congresso%20Porto%202015%20livro%20de%20resumos.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2016.

WENDT, N.C.; CREPALDI, M.A. **A utilização do Genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 23 nov. 2016.